O PAPEL DA EMPRESA JÚNIOR NA FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Jeano Aparecido Vieira; Paulo Lanes Lobato
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – Minas Gerais, Brasil
jeano.vieira@ufv.br

Introdução

O ingresso no ensino superior hoje é a realização para muitos jovens, que vão enquanto ainda graduandos, na maioria das vezes, traçando seu caminho profissional e decidindo em qual área da graduação ele seguirá após a obtenção de seu diploma. No entanto, o mercado de trabalho hoje, e provavelmente no futuro, não requer apenas o profissional "formado", ou seja, aquele que concluiu seu curso sem vivenciar experiências oferecidas por ele. O mercado necessita de pessoas mais qualificadas e com uma mínima vivência, que vá se adaptar a diferentes situações, em razão da alta competitividade exigida por um mercado de trabalho cada vez mais disputado.

Assim, a formação superior consolida-se como um seguro caminho a ser seguido. Como afirmam Guimarães et al. (2003), a busca por tecnologias em todas as áreas faz aumentar a concorrência e a necessidade de se estar cada vez mais qualificado para atender às demandas existentes.

Dessa forma, a parceria de empresas e instituições de ensino é uma das alternativas que podem proporcionar benefícios para ambas, uma vez que as universidades têm nessa união uma forma de aplicar suas pesquisas e torná-las úteis no mercado, ao passo que as empresas suprem a necessidade de novos produtos, tendo, para isso, custos mais baixos (GUIMARÃES et al., 2003).

Objetivos

O presente artigo teve como objetivo investigar a relação de estudos diferentes acerca da influência da empresa júnior de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa na formação acadêmica dos graduandos em Educação Física.

Material e Métodos

Cientes da deficiência em estudos na área, sabemos que o papel do empreendedor é até então pouco explorado, ou até mesmo esquecido, pelos profissionais – nesse caso, especificamente pelos graduandos em Educação Física. Contudo, sabe-se da necessidade de buscar essa qualificação para os futuros profissionais que sairão brevemente para o mercado de trabalho. Segundo Matos (1997), o Brasil é o país em que o movimento de empresas juniores mais cresce, o que demonstra a alta credibilidade das empresas juniores, bem como de seus serviços. No entanto, não se sabe ao certo de forma clara e resumida se essas empresas juniores estão contribuindo de maneira efetiva na formação dos futuros profissionais. Dessa forma, buscou-se neste artigo analisar diferentes estudos sobre empreendedorismo e sobre a empresa júnior de Educação Física da UFV (EFICAP), estabelecendo assim uma relação entre ambos os temas, a fim de entender se há um direcionamento de ambos para um mesmo sentido.

Discussão e Resultados

Para entender o empreendedorismo, antes é preciso que se busque uma definição mais recente para o termo. Segundo Freire (2001 apud CARMO; LOBATO, 2009), o empreendedorismo é a força que sempre existiu por detrás das invenções e inovações, a qual impulsiona o crescimento dos povos e regiões. Por meio dele a tecnologia avança e o novo é descoberto, e tudo isso dá continuidade à produtividade humana.

Empresas juniores são aquelas formadas e geridas pelos próprios alunos da instituição "organizados em uma associação civil com o intuito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento do país e de formar profissionais capacitados e comprometidos com esse objetivo", sob a supervisão de um professor-chefe, sendo vinculadas diretamente à universidade (Confederação Brasileira de Empresas Juniores, Cap. II Art. 2º).

Esse tipo de empresa proporciona de maneira prática, ao aluno que participa efetivamente dela, a oportunidade de vivenciar o "mercado" de maneira diferenciada, pois o que em grande parte das vezes é passado pelos cursos são as bases teóricas desse empreendedorismo. Portanto, é necessário que os graduandos vejam nessas empresas uma chance de estar se relacionando de maneira direta com projetos práticos e, a depender deles, até mesmo com grandes empresas, sejam elas de áreas diretamente ligadas à sua formação ou de áreas similares, visto que a empresa júnior proporciona aos graduandos todas essas oportunidades – a diferença de uma em relação à outra é a questão da estruturação interna de cada.

Uma vez que, dependendo da estruturação dessas empresas juniores, os graduandos têm as diversas oportunidades mencionadas, a questão principal é saber até onde essa vivência nas atividades de uma empresa júnior é capaz de auxiliar, seja de maneira positiva ou negativa, na futura profissão desses alunos – a ideia principal é proporcionar a eles a vivência da prática que se faz necessária. Segundo o estatuto da EFICAP (2012), a missão principal dela é "desenvolver as capacidades empreendedoras dos estudantes de graduação em Educação Física no âmbito do esporte, lazer e atividade física". Assim, fez-se necessário encontrar resultados de trabalhos já anteriormente desenvolvidos para ver se essa capacidade empreendedora estaria mesmo presente na formação acadêmica dos graduandos.

Muitas vezes, nos momentos de crise, em que o desemprego assola a população, e por não existirem alternativas, o trabalhador passa a criá-las, buscando empreender. Como referendado por Dolabela (1999), "pessoas que não conseguem colocação ou recolocação no mercado se vêem forçadas a criar seu próprio emprego como única alternativa de sobrevivência." Segundo esse autor, hoje os empreendedores são o motor da economia.

É preciso que se apontem soluções para que os jovens de hoje possam vivenciar o empreendedorismo ainda na graduação. É necessário estimular a formação empreendedora já desde o período de graduação, visto que as áreas de atuação são amplas e diversificadas. Segundo Flavio Delmanto, presidente do CREF4/SP (Conselho Regional de Educação Física de São Paulo – 4ª região), são mais de 84 áreas em que o profissional de Educação Física está habilitado a atuar. Nota-se que há necessidade de verificar se o processo de formação e desenvolvimento desse perfil dentro da universidade, que é (ou deveria ser) o meio mais apto para a formação do profissional, também nesse âmbito, tem conseguido alcançar esse objetivo. Caso os resultados das revisões sejam negativos à esperada contribuição, esperar-se-á que as universidades vejam que há necessidade de se investir mais nas EJs, visto que elas representam um laboratório para os estudantes, incluindo formas de captação de estagiários, ressaltando a importância dessa experiência na formação do acadêmico, além de contribuir com sua atuação profissional ao longo da sua carreira, para que esta seja de sucesso.

Conforme citam Carmo e Lobato (2009), no caso de aprender a apreender, é necessário deixar que a criatividade crie asas, a fim de se pensar algo novo, interessante e útil. No caso do curso de Educação Física, o grande desafio atual de formação do empreendedor é buscar referências para apreender as competências, detectar os melhores conteúdos programáticos, captar a dinâmica educacional mais adequada, além de buscar mecanismos que coloquem em ação a atividade pedagógica desejada.

Nesse sentido, Andrade e Torkomian (2001) defendem a necessidade de uma Educação Empreendedora nas instituições brasileiras de ensino superior, que nada mais é do que "um

processo que objetiva o desenvolvimento do ser humano no âmbito da identificação e aproveitamento de oportunidades e sua posterior transformação em realidade, contribuindo assim para a geração de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade na qual o ser humano está inserido".

Oliveira (2004) afirma que a implantação de EJs nas universidades é vista de forma positiva, como estratégia para o desenvolvimento do espírito empreendedor do indivíduo, a fim de contribuir com a formação profissional do acadêmico e prepará-lo para o competitivo mercado de trabalho. De forma semelhante, Guimarães et al. (2003) defendem que as EJs preenchem a lacuna existente entre teoria e prática na maioria dos cursos superiores. Entretanto, de acordo com Paula (2011), o estágio em EJs não influencia na formação de um perfil empreendedor nos acadêmicos de Educação Física da UFV - MG, uma vez que foi possível constatar que todos os grupos participantes foram classificados como "empregado", de acordo com suas respectivas pontuações do trabalho realizado pela autora. Ainda no mesmo estudo realizado por esta autora, nota-se que não houve diferença de potencial empreendedor entre três diferentes "grupos" de alunos classificados do curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, sendo estes grupos: membros efetivos da EFICAP; e associados à empresa e estudantes sem nenhum tipo de vínculo com a empresa. Esse fato pode ser confirmado por Carmo e Lobato (2009) em "Estudo do potencial empreendedor dos acadêmicos do 7º período do curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa**"**, uma vez que os autores utilizaram um instrumento diferente do da autora supracitada para avaliar o potencial empreendedor dos graduandos do 7º período do curso de Educação Física da UFV, e os resultados apontaram, também, um baixo nível empreendedor entre eles.

Para obtenção dos dados do primeiro trabalho com graduandos em Educação Física do 7º período, utilizou-se de um questionário – Avaliação do Potencial Empreendedor, adaptado por Barbosa e Cunha – com a classificação que se segue:

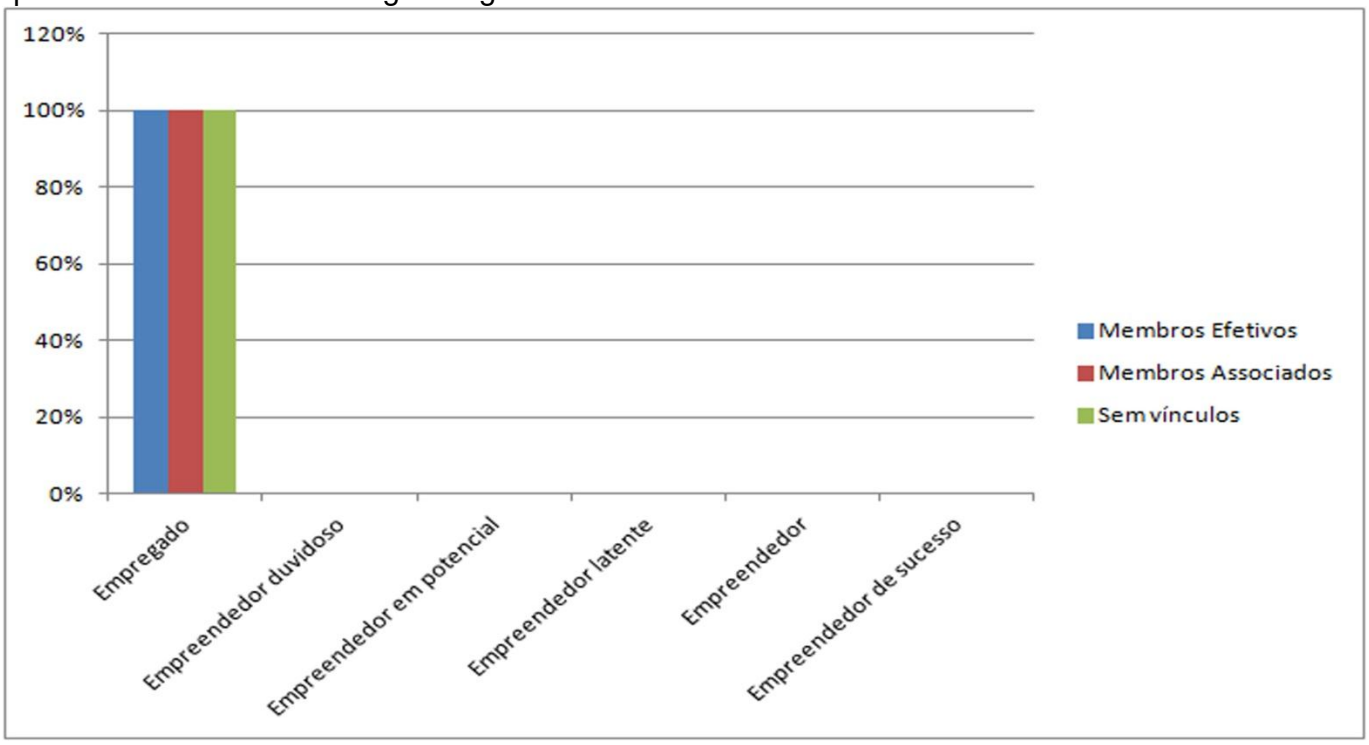
Categoria	% de pontos necessários	Freqüência	Percentual
1. Grande potencial empreendedor	84 a 100	-	-
2. Forte potencial	66 a 83	02	4,0
3. Resultado transitório	46 a 65	39	78,0
4. Potencial duvidoso	25 a 45	09	18,0
5. Falta de potencial	0 a 24	-	-

Nesta tabela, percebe-se, através do percentual, que a maioria dos pesquisados encontra-se na classificação "Resultado transitório", seguida por "Potencial duvidoso". Nota-se também a ausência de percentual na categoria "Grande potencial empreendedor", assim como também em "Falta de potencial", sendo que obviamente o primeiro é mais alarmante: o próprio autor chama a atenção para essa tabela.

Para obtenção dos dados do segundo trabalho, os graduandos foram divididos em três diferentes grupos: "Membros efetivos da EFICAP", "Associados à EFICAP" e "Sem vínculos com a EFICAP". Utilizou-se de um questionário adaptado, do original de Joseph Mancuso, empregando a classificação que se segue:

Pontuação	Classificação
235 – 285	Empreendedor de sucesso
200 – 234	Empreendedor
185 – 199	Empreendedor latente
170 – 184	Empreendedor em potencial
155 – 169	Empreendedor duvidoso
Abaixo de 155	Empregado

Por meio desta tabela de classificação, a pesquisadora encontrou os resultados, os quais são resumidos no seguinte gráfico:



Considerações Finais

Embora haja um número reduzido de estudos na área, podemos afirmar, através dos estudos revisados, que, apesar de o papel das empresas juniores ser bem definido, há ainda necessidade maior de incentivo e/ou valorização da instituição de ensino superior Universidade Federal de Viçosa no que se refere às empresas juniores – neste caso específico, com relação à empresa júnior do curso de Educação Física, visto que a formação que a UFV oferece neste curso é minimamente voltada para o perfil empreendedor do graduando. Ainda seguindo essa mesma linha de raciocínio, além dos resultados obtidos, nota-se, através da Matriz Curricular do curso, que não há disciplinas obrigatórias na área empreendedora, e as poucas que existem são de caráter optativo, ou seja, o aluno não necessariamente deve cursar tais disciplinas para completar sua formação enquanto acadêmico. Verificou-se também que, com a missão e estrutura de trabalho bem definidas pela empresa júnior do curso de Educação Física da UFV, essas características empreendedoras podem ser desenvolvidas nos graduandos e que, com isso, a empresa júnior pode ser uma das grandes ferramentas para que a Instituição de Ensino

possa desenvolver essas características empreendedoras, que são tão requisitadas no mercado de trabalho.

Referências

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS JUNIORES – Brasil Júnior.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

EMPRESA JÚNIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA-UFV – EFICAP. Estatuto.

GUIMARÃES, C. L.; TAKEUCHI, K. P.; SENHORAS, E. M. Empresa júnior e Incubadora tecnológica: duas facetas de um novo paradigma de interação empresa-universidade. Seminário apresentado no X SIMPEP – **Simpósio de Engenharia de Produção** - Jan/2003.

LOBATO, P. L., CARMO, D. D. do. Estudo do potencial empreendedor dos acadêmicos do 7º período do curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. **Rev. Port. Cien. Desp.**, v.9, n.2, p.83-96, nov. 2009. ISSN 1645-0523.

MATOS, F. **A empresa júnior no Brasil e no mundo**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 1997.

MENDES, T. P.; LOBATO, P.L. Análise das características comportamentais empreendedoras dos profissionais de Educação Física formados na Universidade Federal de Viçosa entre 2005 e 2010. **Trabalho de Conclusão de curso**, Dez/2010.

MANCUSO, J. R. **O empreendedor que existe em si.** Questionário do *Center for Entrepreneurial Management* para análise do perfil empreendedor, disponível em: http://www.eo-net.org/pt/eon_info/apoio-ao-empreendedor/o-empreendedor-1.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social e empresa júnior no Brasil: o emergir de novas estratégias para a formação profissional, s/d**.**

PAULA, L. S. R.; LOBATO, P. L. O papel da empresa júnior na formação profissional dos acadêmicos de Educação Física. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Viçosa. Jul/2011.

Dados do primeiro autor para possível publicação:

Nome: Jeano aparecido Vieira
Endereço: Alojamento Novíssimo, 334, Campus – Universidade Federal de Viçosa
Telefone: (31) 8342-7947
Email: jeano.vieira@ufv.br e plobato@ufv.br